

Ambiente, homeopatia e metodologias participativas.

COELHO, France Maria Gontijo¹; CASALI, Vicente Wagner Dias²; FREITAS, Helder Ribeiro³; CUPERTINO, Maria do Carmo⁴; FIGUEIRA, Maíra Lima⁵ e NOBRE, Patrícia Mendes⁶.

GT Sustentabilidade, Técnica e Risco Ambiental.

RESUMO: Este trabalho relata uma experiência em curso de uma equipe da UFV junto ao Assentamento 1º de Junho, município de Tumiritinga-MG. O princípio norteador do trabalho, que existe há mais de três anos, é a convicção de que os assentados seriam agentes no processo desde a concepção dos problemas até a participação na investigação de alternativas. O trabalho teve início com um DRPE no ano de 1999, quando já foram destacados os limites ambientais do assentamento. Ao conhecimento agrônomo convencional faltam propostas que dêem conta da realidade diagnosticada. A homeopatia foi posta como alternativa para melhoria das condições de produção do gado e das pastagens, que apresentavam alta infestação de plantas tóxicas, e a ciência homeopática foi colocada como alternativa por sua vinculação com a vitalidade. Por isso, tem-se a expectativa de que teria, também, poder de recuperação ambiental. Essas potencialidades têm desafiado pesquisadores, estudantes e mobilizado assentados, não só no exercício de analogias para compreensão dos significados das manifestações ambientais, bem como no desenvolvimento de habilidades para produção de preparados, sua aplicação e observação de seus efeitos. Esse relato descreve o processo metodológico de análise ambiental participativa e a forma partilhada de construção de categorias analíticas e indicadores de qualidade ambiental.

¹ Professora Adjunta Departamento de Economia Rural- UFV. Campus Universitário. Viçosa. CEP: 36.570.000. TEL: (31) 3899-1331 ou 3899-2212 fmcoelho@mail.ufv.br - História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia.

² Professor Titular do Departamento de Fitotecnia da UFV. Homeopatia e Plantas Medicinais.

³ Pós-Graduando no Departamento de Solos da UFV - Manejo e Conservação de Solos. hrfreita@bol.com.br

⁴ Graduanda em Agronomia UFV - eg37241@correio.ufv.br

⁵ Graduanda em Agronomia UFV - mairafigueira@yahoo.com.br

⁶ Graduanda em Veterinária UFV - pnobre@mailbr.com.br

COELHO, France Maria Gontijo NOBRE, Patrícia Mendes. **Environment, homeopathy and participative methodologies**

ABSTRACT: This work reports na on-going experience of a UFV group of researchrs at the 'Primeiro de Junho" land settlement in Tumiritinga, MG. The underlying principle of this experience, which was implemented over three years ago, is the belief that land settlers should have a participative role in the settlement process, including identifying the problems and finding alternative solutions. The work started in1999, when environmental limitations were detected. Conventional agricultural knowledge was found insufficient to provide proposals suitable to the needs of the settlement, thus homeopathy was presented as na alternative to improve cattle production and pasture conditions, highly infested by toxic plants. The reason homeopathy was chosen was its association to vitality thus, it was expected that it could also help to achieve environmental recovery. These potentialities have challenged researchers and students and mobilized settlers, not only to make analogies to understand the meaning of the environmental manifestations but also to develop the necessary skills for manipulation, application and observation of the preparations. This report describes the methodological process of participative environmental analysis and the shared system of construting analytical categories and environmental quality indicators.

Introdução

Diante dos impasses ambientais gestados pelo rápido processo de intensificação produtiva, tecnificação e modernização agrícola, iniciado no Brasil a partir da década de sessenta, muitos pesquisadores envolvidos com as práticas agrícolas colocam como promissora uma proposta que se poderia chamar de "análise crítica das técnicas/tecnologias", em curso no campo brasileiro.

Curiosamente, no primeiro mundo, as tentativas dessa análise já se arrastam desde os anos sessenta⁷ e, mais especificamente no Brasil, desde os anos 80⁸. Desta análise já se cobra a superação da identificação das características ou efeitos do imediatismo do pensamento tecnicista da agricultura agrônômica e da simples denúncia de impropriedade das propostas tecnológicas que dominam o convencional e acadêmico conhecimento científico agrônômico. Com o processo de luta pela Reforma Agrária, foram explicitados os limites socioambientais desse saber científico.

As formas de fazer agricultura e produzir alimentos, convencionadas como "modernas", têm como marca distintiva o uso intensivo de capital e de energia. Com a reforma agrária, essa forma de agricultura expande-se, de maneira espantosa e de forma capilar, por vários cantões do país. Entretanto, a luta pela reforma agrária também explicitou, de maneira quantitativamente maior, os limites para o uso do solo agrícola do país.

Este processo, colocou, claramente, que a formação dos agentes da chamada "assistência técnica" é um problema, pois esta formação torna-os, preponderantemente, encantados pela tecnologia. Para a maioria desses profissionais, a prática do pensamento crítico e conceitual, que visa à construção de alternativas é uma dificuldade. A razão instrumental, produtivista e consumista supera possibilidades sociais mais discursivas e interativas.

⁷ Como foi o caso de CARSON (1964)

⁸ Refere-se, aqui, aos movimentos de chamada Agricultura Alternativa iniciados nesta época.

Em outro aspecto, vê-se que a perspectiva de modernização agrícola, implementada desde os anos sessenta, tornou-se lugar comum entre muitos agricultores (assentados ou não), o que os faz também encantados pelo poder da "revolução verde". A prática profissional, embasada na ciência agrônômica e na presença ostensiva da tecnologia (máquinas, sementes e casas comerciais de produtos industriais agropecuários) age como objetificação de uma ideologia para a qual a melhor agricultura é a "moderno-tecnológica", para isso, há necessidade de se obterem "créditos" para executá-la, ou seja, só há o caminho sistêmico das formas de produção dominadas pelas regras do mercado.

Este modelo tem como suporte as chamadas ciências agrônômicas⁹, e muitas de suas propostas são insustentáveis para as mais diversas condições sociais ou mesmo pedoedafoclimáticas brasileiras e, principalmente, para os assentamentos de reforma agrária. As formas modernas de agricultar, em contextos como os assentamentos, costumam só ter fôlego para seis ou sete anos de cultivo, em razão das dificuldades de gestão financeira dos créditos e do estado de degradação de muitos latifúndios que foram desapropriados. Daí, a importância de uma "assistência técnica" mais crítica e criativa e que consiga pensar nos quês e no porque de ser assim e não de outro jeito.

Essa situação faz com que muitos assentamentos já estejam buscando outras formas de sobrevivência e de agricultura para conseguirem não só produzir, mas recuperar áreas bastante degradadas. Como fazer diferente do padrão hegemônico quando se tem a urgência da produção e do trabalho?¹⁰ Este é o caso do Assentamento 1º de Junho, localizado no município de Tumiritinga, na região do Rio Doce - Minas Gerais, onde a UFV atua desde 1999. Demandas de novas formas de produção e vida tornaram-se questão sobre a qual alguns pesquisadores da UFV têm-se debruçado.

Nota-se uma situação de natureza muito grave. Muitas áreas agricultáveis na região estão bastante degradadas, processo que se deu em um espaço de tempo relativamente curto. Anteriormente (nos últimos 20 ou 30 anos), as terras, que eram boas para agricultura ou pecuária, hoje exigem novos manejos para serem recuperadas, ao mesmo tempo que produzem. Muitos desses novos manejos são desconhecidos, tanto no campo do conhecimento agrônômico convencional moderno quanto entre os próprios assentados. Mesmo que ainda não se tenham dados de amplitude nacional confiáveis sobre a degradação nos assentamentos, acredita-se que haja necessidade de um levantamento detalhado das formas de produção nos assentamentos, considerando-se o *script* técnico-tecnológico adotado e sua relação com as condições sociais, de clima, de solo e de uso agrícola.¹¹

São inumeráveis as dificuldades para se efetivar esses levantamentos de âmbito nacional, principalmente as de natureza metodológica. Por isso, tudo indica que seria interessante pensar-se em levantamentos regionais/locais e participativos (que envolvam os assentados) e que partissem de fundamentações teóricas e metodológicas comuns, com vistas em alguma sistematização futura que orientasse alguma política pública mais conseqüente.

Sabendo-se que o compromisso explicativo/descritivo deste trabalho é bastante aplicado, é necessário, no entanto, explicitar alguns pressupostos que têm dado suporte ao processo de investigação de alternativas para agricultar em contextos como um assentamento na Região do Rio Doce - MG. Como

⁹ De espectro amplo, esse campo de saber lida com diversos campos de conhecimento, traduzidos sob o enfoque agrícola/agrário, como é o caso da economia, sociologia, comunicação, biologia (fisiologia animal e vegetal, genética), química, física, cálculo, estatística, geomorfologia, etc.

¹⁰ Essa idéia é um desafio: como produzir e recuperar ao mesmo tempo. Ver FAVERO (1997).

¹¹ Nesse sentido, é interessante o trabalho de AZEVEDO (2001), que busca construir indicadores de sustentabilidade a partir dessa idéia de *script*-tecnológico.

pesquisa transdisciplinar, tornaram-se necessárias a explicitação e a distinção de alguns conceitos/expressões para orientação da equipe na execução do trabalho que aqui será relatado. Inicialmente, foi necessário pensar numa concepção de ciência não-elitista e não-etnocêntrica e na sua relação com o conhecimento cotidiano, ou popular, para orientar condutas metodológicas mais adequadas e válidas na perspectiva do outro (assentado), tanto quanto na perspectiva dos pesquisadores. De certa forma, isso significa pensar-se a partir do outro o que é um exercício de alteridade, como orienta Ricoeur¹². Na prática dessa pesquisa, a alteridade tem-se colocado freqüentemente em pauta em razão do contexto de fragilidade, pós modernização agrícola brasileira, no qual vivem os assentados com os quais ela trabalha. Dessa forma, a idéia de risco, neste trabalho, vinculou-se à idéia de um processo social e histórico mais amplo e não à uma visão puramente econômico-estatística. A situação de risco é entendida como uma condição social na qual grupos humanos tem consciência das ameaças que envolvem determinada situação. Quando essa consciência não é clara, instala-se uma situação de perigo. O termo envolve também a idéia de segurança que no espaço agrário modernizado, só é possível quando se instala um equilíbrio entre confiança pós-tradicional e a decisão de risco aceitável. Essas noções e idéias estão de certa forma fundamentando a descrição de alguns momentos dessa pesquisa.¹³

Quanto a seu método, pode-se dizer que o relato traz um tipo de exercício em etnociência pois essa perspectiva é que a forma privilegiada de reflexão da pesquisa. Outro fundamento conceitual do processo, é a distinção entre técnica e tecnologia, à medida que a vida prática tem colocado desafios de curto prazo para os assentamentos e para os pesquisadores. Essas concepções não se colocaram sem problemas para equipe de pesquisadores deste projeto de pesquisa sobre homeopatia na agropecuária, razão de se começar o relato pela sistematização desses debates.

Ciência, técnica e tecnologia no espaço agrário

Como dito anteriormente, o compromisso desta pesquisa é com a vida prática, mas, nem por isso, abandonou-se a preocupação com os fundamentos conceituais norteadores da investigação, pois a emergência de concepções genéricas ou totalmente inconscientes de seus princípios poderia trazer conseqüências desastrosas e incontroláveis.

Um primeiro conceito debatido pela equipe foi o que o grupo entendia por conhecimento científico e como este se colocava diante das práticas agrícolas existentes no assentamento. A partir de um estudo histórico do processo de cientificação dos saberes para agricultura¹⁴, identificou-se que a natureza científica deste saber não diferiu de outras formas de conhecimento científico, pois se deu quando ele passou a definir métodos e objetos e a ser construído em instituições para esse fim. O conhecimento da agricultura e de seu processo histórico de cientificação iniciou-se, no Brasil, no século XIX.

Esse processo de institucionalização das ciências agrônômicas distingue-se, por sua vez, de outras formas de saber para agricultura, em razão da sua forma institucional, projetiva e intencionada do próprio saber. Dessa forma, pode-se dizer que não foi sua pretensão de eficácia, de previsibilidade de resultados ou da possibilidade de repetição que fez desse conhecimento um conhecimento científico. No Brasil, a preocupação com a manutenção de condições favoráveis de produção agrícola, por longos períodos, logo desapareceu da problemática agrônômica institucionalizada, pois, já na década de cinquenta, transferiu-se

¹² RICOEUR (1991).

¹³ Sobre essa discussão sobre risco, decisões e confiança tem-se como referência GIDDENS (1991) e (2000).

para os insumos industriais a preocupação com a necessidade de nutrientes para as plantas. Da mesma forma, a preocupação com o tempo e com o espaço ficou reduzida ao consumo de produtos industrializados que se apresentavam como forma de equalização de diversidades.

Apenas em períodos mais recentes, depois dos anos 90, é que o tempo/espaço vem apresentando-se como elementos constitutivos do saber agrônômico e tem provocado verdadeira crise paradigmática em seus propósitos, hipótese e procedimentos de investigação.

Diante do que se chamou de conhecimento cotidiano ou popular para agricultura, a equipe que desenvolve esta pesquisa assumiu uma postura não apologética ou mitificadora desse saber, mas reconheceu-se que ele tem natureza distinta do conhecimento científico/acadêmico. Para a equipe desta pesquisa, uma característica importante deste conhecimento é o fato de ele ser construído por socializações razoavelmente 'espontâneas', no dia-a-dia do acompanhamento da produção; por isso, são saberes de natureza intrinsecamente distribuíveis. Esse saber, assim gerado e distribuído, resolve muitos desafios de grupos ou sociedades pautadas por valores tradicionais, mas nem todos. A potencialidade desse saber emerge em condições ambientais com bastante diversidade biológica e em sociedades ou grupos sociais que não estabelecem muitos laços de troca com mercados distantes. Em tais condições socioambientais, esses saberes satisfazem às demandas da produção, da vida social e cultural. Mas, percebe-se que as transformações provocadas pelo intensivo processo de modernização tecnológica modificaram a paisagem agrária, de tal maneira que novos saberes e novas formas de interação de conhecimento vêm sendo articuladas ou demandadas. Para alguns autores, que se enquadram na perspectiva do que ROUË (IN: DIEGUES:2000) chamou de TEKMS (Tradicional Ecological Knowledge and Management Systems), os "saberes de comunidades tradicionais" têm se tornado a base de muitas pesquisas científicas e acadêmicas e de várias formas de intervenção de agentes externos, do Estado ou outros.

Da análise da mesma autora, ainda podem-se inferir os perigos desta distinção entre ciência e outras formas de saber. Essa distinção pode produzir uma forma de etnologia de caráter evolucionista e etnocêntrica, típica das ciências ocidentais, quando se hierarquiza a ciência no topo de uma escala de importância. Em uma análise crítica de pesquisas nessa perspectiva etnocêntrica, a autora disse que: "Eles não somente repertorizam os saberes(...) mas se interrogam também sobre a constituição do saber, a qualidade das observações, a elaboração das hipóteses, e o processamento dos dados" que operam os nativos, sendo que "(...) o princípio básico dos que adotam o TEK não é somente o interesse cognitivo dos saberes sobre a natureza, mas sim a utilidade desses saberes." (p.75 e 6). Dessa forma, concluiu que o objetivo dessas pesquisas é extrair dessas populações princípios e aplicá-los fora do contexto, por exemplo, em nossa sociedade. Isso provoca o que ela chama de "uma apologia aos saberes indígenas que se confina ao culto, toma emprestado, seu vocabulário ao domínio do sagrado." Acrescentou, ainda, que "(...) os povos pertencentes às culturas tradicionais começam a ser considerados herdeiros do saber, das visões do mundo, das técnicas e estratégias de produção, que nos vão permitir encontrar modelos de produção rural ecologicamente benéficos, dos quais necessitamos urgentemente."(p.77) Por isso, pode-se dizer que essa abordagem contempla um equívoco de hipervalorização de saberes que são considerados de maneira estanque e sobreposta.

Dessa observação é que a equipe desta pesquisa tem-se colocado em vigília para não cair na apologia do saber cotidiano/popular, que tem seus encantos, é claro, mas considera a ciência uma forma diferenciada e útil que pode se colocar a serviço de grupos socialmente excluídos. Isso só se torna possível

¹⁴ COELHO (1999).

quando a ciência é repensada em seus fundamentos. Essa proposição não vem desqualificar um saber diante de outro, nem reforçar a idéia de uma eterna precedência de um sobre o outro. O que se propõe é perceber a natureza diferenciada que se dá na constituição do conhecimento científico (principalmente quanto à sua disciplina interna e poder de regulação social), para que sua relação com outros saberes permita objetificar-se e emergir em produtos, apropriações e poderes socializáveis, da forma como se poderia inferir de Foucault, quando ele discutiu o envolvimento da prática científica com as disputas sociais em jogo na sociedade.¹⁵

Outra reflexão necessária na autocompreensão do trabalho da equipe foi a distinção entre técnica e tecnologia. Quando se admite uma postura crítica diante da técnica, como sugeriram Marcuse ou Habermas¹⁶, em razão das experiências negativas da dominação técnica, é comum, entre os envolvidos com as práticas sociais de intervenção, uma conduta intelectual de despreço e de desconfiança das possibilidades de seu uso. O mesmo ocorre na situação inversa. Quando se tem uma postura encantada diante das técnicas ou da tecnologia, é comum acreditar-se, indelevelmente, nas potencialidades de uma racionalidade técnica intrínseca, de maneira que não se permite questionar a possibilidade de efeitos perversos decorrente de seu uso, tanto sobre o mundo da natureza como sobre o mundo dos homens, social ou psíquico, econômico ou político.¹⁷

Ao longo da construção de uma narrativa sobre o processo histórico de constituição dos saberes agrônômicos, é possível identificar a idéia de que esse campo de saber foi construído sobre a técnica que aparece como um *habitus* incorporado, no sentido de Bourdieu¹⁸, ou seja, o saber estruturado e estruturante (base da criação) apropriado por processos de socialização formal escolar. No caso do saber na agricultura, quando este se transforma em agronomia, mesmo que essa não encerre todo o saber que se tem sobre a prática da agricultura, ele passa a ser construído de forma sistemática e institucional, o que cria condições de apropriação e monopolização por certos grupos sociais, os profissionais da agricultura (agrônomos, veterinários, etc...). A marca distintiva desse saber apropriado e monopolizado pelos agrônomos ou veterinários foram as disposições técnicas de característica teleológica, ou seja, disposições voltadas para um fim, para a construção de soluções práticas. Habilidades, destrezas e composição lógico-analítica do tipo somatória foram incorporadas como *habitus*. Essas profissões tornaram-se, assim, eminentemente técnicas, e não necessariamente tecnicistas, ou seja, historicamente assumiram a responsabilidade técnica dos processos sociais e ambientais da produção agrícola. Mas esses profissionais só se dão conta disso quando lêem o mundo além da pura organização técnica; quando isso não se dá, a conduta profissional aparece como tecnicista.

Quanto à tecnologia, no histórico do saber para a agricultura, ela assumiu o significado de artefato mercadológico. Tecnologia para agricultura, no Brasil, surgiu da importação de procedimentos de pesquisa que transformaram a ciência e a técnica em mercadoria, em algo a ser comprado e vendido. A tecnologia comporta regras técnicas a serem obedecidas sob o perigo de não se ver realizar todas as suas potencialidades. Na condição de mercadoria, como definiu Marx¹⁹, ela guarda um segredo e encanta por seu *fetiche*, que vem para satisfação de desejos e das necessidades socialmente construídas.

¹⁵ Sobre superfícies de emergência dos saberes, uma orientação metodológica pode ser encontrada em Arqueologia do saber de FOUCAULT (1972). Sobre a relação saberes e poderes, em Micro Física do poder. (FOUCAULT: 1979).

¹⁶ MARCUSE (1967) e HABERMAS (1988).

¹⁷ Como fez, por exemplo, PARSONS (1977) ao estudar a profissão médica.

¹⁸ BOURDIEU (1992).

¹⁹ MARX (1976).

Essa distinção entre técnica (como *habitus*, uma disposição incorporada, estruturada e estruturante do mundo social) e tecnologia (como uma mercadoria) tornou-se fundamental no processo de atuação da UFV no 1º de Junho.

A presença da Universidade no assentamento tem se pautado pela intenção e efetiva atuação de partilhamento e discussões dos problemas visualizados pelos assentados. A solicitação dos assentados para uma visita, em 1999, transformou-se em contato sistemático de alguns professores e estudantes da UFV, que visou encontrar alternativas para alguns problemas. A situação é desafiadora, na medida que, em muitos casos, eles ignoram soluções tanto quanto o conhecimento acadêmico ignora. Diante disso, visando a realização do trabalho relatado aqui, uma equipe da UFV encontrou-se na tentativa de construção de um saber sistemático e, ao mesmo tempo, vinculado ao dia-a-dia. Talvez em razão de ter-se orientado, nas mais diversas atividades ao longo dos últimos três anos, por essa postura construtivista, todas as equipes da Universidade que por lá passaram, foram vistas como apoio em vários processos de elaboração de saber em curso no assentamento. Como eles próprios diziam, "você são apoio e não direção", o que, para eles, significa uma grande diferença. Quando as propostas não são apropriadas aos assentados, ela é rejeitada. Isso só é possível em razão da experiência política, da articulação e da competência discursiva do grupo, gerando situação muito confortável no desenrolar das pesquisas e intervenções.

O uso da homeopatia na recuperação de pastagem

Este relato especifica e descreve um processo de pesquisa feito de forma partilhada. O trabalho teve início com um Diagnóstico Rápido Participativo Emancipador (DRPE), no ano de 1999, quando já foram destacados vários problemas, dentre os quais os limites ambientais no assentamento. Esses limites foram objetivados, já naquele ano, com a identificação, pelos assentados, das condições difíceis das pastagens, visto que elas apresentavam alta infestação de plantas tóxicas, às quais davam o nome de cipó preto, erva ou suma-roxa. Nessa análise, os assentados descreveram os sintomas dos animais, após a ingestão dessas plantas, com veemência e diziam ser um dos maiores problemas no assentamento, pois a perda de uma vaca significava perda de um objeto de poupança. Esclareciam que, na seca, essa tal erva era a única coisa verde que sobrava para os animais.

Na busca de soluções para o problema, a equipe da UFV, que atua no assentamento, no momento, indagou de pesquisadores as possibilidades para mudar tal quadro. As conclusões foram desoladoras. Alguns pesquisadores não se sensibilizaram e nem responderam os pedidos de esclarecimento; outros até mesmo disseram que não trabalhavam com Sem-Terra. O que se conseguiu acessar, como conhecimento institucional, foi a proposta de que havia necessidade de mudança no manejo da pastagem e que tais ervas eram sintoma de manejo intensivo efetuado anteriormente e por muitos anos. Alguns pesquisadores aventaram que a solução seria abandonar aquelas terras, pois não havia mais o que fazer. Toda essa interpretação do problema e de suas soluções era complicada, tanto para equipe como para os assentados, que não acreditavam em situações sem solução. Como eles próprios reconheceram, dizer que "não tem solução" é bem diferente de dizer que "não se sabe a solução".

A experiência de luta pela terra marcou, indelevelmente, o grupo com um otimismo cognitivo que chegou, em muitos momentos, a impressionar a equipe da UFV. Nos debates com o grupo, foi marcante a expressão: "*Olhe, se tem problema, tem de haver solução. Se não nós não via o problema.*". Essa é a perspectiva meio mágica que esse grupo social carrega depois da conquista da terra, razão por que

algumas propostas não cabiam nessa visão de mundo, como, por exemplo, a idéia de abandonar a terra que lutaram por mais de dez anos. Eles sentem-se obrigados a recuperar e transformar a terra do lucro em uma terra possível para o trabalho e explicitam que são os responsáveis pela produção de alimentos. Querem uma "terra onde corra leite e mel", como prometia a Bíblia.

De qualquer forma, conseguiu-se saber, a partir de alguns pesquisadores da UFV, que havia possibilidade de uso emergencial de um herbicida nos locais de incidência da erva, logo depois que se procedesse ao arranquio do cipó e à queima em montes. Ao apresentar a proposta aos assentados, a equipe da UFV disse que ela não era a melhor opção, mas era o que na Universidade se sabia fazer. Diante disso, os assentados disseram que eram quase 2700 hectares de pasto em todo o assentamento, o que fazia a proposta emergencial possível apenas para os que haviam coletivizado suas terras e que tinham condições de mobilizar trabalhadores para o trabalho em mutirão, além de recursos para aquisição do herbicida. Mesmo assim, foram feitos arranquio e queima em alguns talhões de terra de alguns dos assentados individuais. Os coletivos fizeram toda a orientação: arranquio, queima e aplicação de herbicida. No entanto, o resultado do ano agrícola de 2000 foi a morte de 60 vacas, entre os coletivos, e a perda de quase todas as vacas, entre várias famílias individuais. E, o que é pior, com o passar dos meses, o relato que se ouvia era que o cipó-preto havia "graçado" novamente e com mais força.

Diante dessa situação, o estudo da homeopatia foi posto, pela equipe da UFV, como alternativa à melhoria daquelas condições ambientais das pastagens. A ciência homeopática foi colocada como alternativa por sua vinculação com a vitalidade, razão da expectativa de que teria também poder de recuperação ambiental. Essas potencialidades têm desafiado pesquisadores, estudantes e mobilizado assentados, não só no exercício de analogias entre o corpo humano e o ambiente, para compreensão dos significados das manifestações de desequilíbrio, como a presença de ervas tóxicas nas pastagens. Mas não basta conhecer a homeopatia, têm-se que aplicá-la. Outro desafio da pesquisa é, então, a identificação do preparado mais adequado a determinadas situações microambientais e o desenvolvimento de habilidades na produção desses preparados, sua aplicação e observação de seus efeitos. Não se pretende gerar tecnologia, no sentido que aqui foi conceituado, mas capacitar grupos ao trabalho com homeopatia e desenvolver técnicas que possibilitem maior autonomia dos assentados às pressões por insumo, que o mercado de produtos agrícolas impõe. De outra forma, é para a equipe o mesmo que alopatizar a homeopatia.

Homeopatia: a compreensão das formas de vitalidade

Quando a equipe iniciou seus estudos sobre homeopatia tornou-se necessário reinterpretar o significado da presença do cipó, que deixou de ser entendida apenas como sinal de morte para significar a manifestação de uma forma de resistência de vida. Além disso, o foco deixou de ser a planta exclusiva para tornar-se todo o espaço social e ambiental, a história da exploração daqueles terras, as formas sociais de uso, as características distintivas do que se chamou de 'microespaços' e a perspectiva de futuro imaginada e verbalizada pelos assentados.

Todas essas considerações entraram em jogo quando teve início esse esforço interpretativo da homeopatia como possibilidade de solução para a problemática do desequilíbrio ambiental. Essa mudança de enfoque e valoração foi realçada pelo estudo dos fundamentos lógicos, epistemológicos e metodológicos da ciência homeopática, que possibilitou visualizar outras interações socioambientais presentes no contexto.

Várias áreas de saber tiveram de ser aproximadas, o que levou à busca de entendimento sobre o significado e as implicações de certos termos próprios de cada campo de saber, em interação na equipe de pesquisadores.

No estudo dos fundamentos da homeopatia, o conceito lógico de equilíbrio, a noção de força vital e o princípio de similitude²⁰ permitiram ver que alguns conceitos, de uso freqüente dessa ciência, defrontavam-se com várias convicções conceituais consagradas em outras ciências. As dificuldades de compreensão instigantes para um membro da equipe com formação nas humanidades e mais voltado para discussões epistemológicas constitutivas dos saberes. Como iniciante na ciência homeopática, algumas convicções disciplinares só foram superadas em razão da existência de demandas concretas do mundo da vida dos assentados, que desafiavam novas perspectivas de pesquisa que rompessem com cânones cientificistas convencionais.

Resolvido o caminho da equipe na Universidade, surgiu a questão: Como socializar tal alternativa conceitual entre os assentados, que, de certa forma, conheciam homeopatia como uma prática dos “antigos”, usada para a saúde humana? Como era possível falar aos assentados de uma homeopatia que extrapolasse o corpo humano e voltasse para o ambiente? Essa é uma ciência de preparações e ações não moleculares, que, para seu entendimento e aceitação, vincula-se a certo conhecimento de física quântica, mecanismos de memória da água, teoria de ressonância mórfica, teoria do caos, dentre outros conteúdos.²¹

Mas a homeopatia, sem deixar de ser ciência, é mais que isso, é uma prática social. Como tal, hoje, no país, **luta-se por seu reconhecimento como um direito popular** a um tipo de saber e técnica, e sua socialização pode implicar maior autonomia de indivíduos ou grupos quanto a seus próprios corpos²². Essa luta constituiu um movimento que, hoje, funciona como uma rede de interações sociais entre os mais diversos tipos sociais e envolve pessoas de igrejas, instituições religiosas, pesquisadores institucionais, estudiosos não acadêmicos e diferentes terapeutas.²³ Como uma derivação, existe, também, um movimento de inspiração “popular” que como uma rede trabalha especificamente visando nova concepção de agricultura na qual a homeopatia, dentre outras técnicas, é empregada para reequilibrar ambientes, plantas e animais.²⁴

Diante dessas constatações, membros da equipe, juntamente com os assentados, participaram de alguns encontros desses movimentos populares ou efetivaram visitas aos municípios nos quais as práticas alternativas já haviam sido incorporadas ou vinham sendo reproduzidas há muito tempo. Pode-se perceber que neles ocorre a valorização de saberes aparentemente mágicos, mas que, em realidade, encontram base em diversos conhecimentos científicos. Para o público em geral, participante dessas experiências, a incorporação desses saberes se dá de forma mítica, mesmo que os pesquisadores destaquem os fundamentos teóricos ou explicações científicas positiváveis. Além disso, a apropriação social desses

²⁰ Para tanto, a literatura inicial foi VITHOULKAS (1981).

²¹ Sobre a ciência homeopática na agropecuária trabalhou-se com CASALI(2000) e Anais do I Seminário Brasileiro sobre Homeopatia na Agricultura Orgânica (1999)

²² Sobre a homeopatia no Brasil, ver LUZ (1996).

²³ Existe um séria disputa entre pessoas envolvidas nesses movimentos, pesquisadores ou não, e as associações de médicos homeopatas, que os acusam de charlatanismo, porque dizem que eles não são credenciados para tal atividade, ou seja, não têm diploma de medicina. O curioso no fato é que, somente a partir de 1980, por uma resolução do Conselho Federal de Medicina, a homeopatia, no Brasil, passou a ser considerada, pelos médicos, uma especialidade profissional. Daí, tudo indica que há pretensão desses profissionais de que essa ciência seja sua exclusividade. Os embates nesse campo são sérios e tensos.

conhecimentos dá-se por uma socialização pautada na confiança mútua e nas interações pessoais, e pode-se inferir que são freqüentes os encontros para capacitação popular, nesse sentido.

Diante desse quadro, um caminho para a apropriação desse saber pelos assentados, e mesmo para alguns membros da própria equipe da UFV, foi a criação de espaços discursivos de estudo e debates. Foi providenciada, então, a participação de um pequeno grupo de assentados em um encontro popular, no qual se discutiram várias perspectivas do pensar a agricultura, a saúde e o ambiente. Depois, foi promovida uma visita ao município de Espera Feliz-MG, ocasião em que outros agricultores, tradicionais e pequenos produtores familiares, puderam apresentar aos visitantes assentados o que já vinham fazendo em suas propriedades. Essas atividades, realizadas em conjunto com alguns elementos da equipe que também se colocavam na condição de aprendizes, permitiam melhor visualização da proposta de estudo do uso da homeopatia no assentamento.

Para iniciação compreensiva da homeopatia foi realizada uma experiência, no assentamento, que visava o controle de carrapatos. Para tanto, os assentados foram capacitados para preparação da tintura mãe, na elaboração das diluições e dinamizações. Depois dos primeiros resultados positivos no controle do carrapato, a confiança nas possibilidades da homeopatia aumentou entre os assentados.

Enquanto a equipe da UFV desenvolvia noções teóricas de algo a ser feito, sabia-se que não haveria como elaborar ou pesquisar qualquer alternativa sem envolver os assentados. Pesquisar para depois repassar seria um grande desrespeito, por isso, é com eles, e não para eles, que esta pesquisa vem se fazendo. Na análise conjunta das condições das pastagens, preocupou-se em não partir de modelos ou classificações acadêmicas para que os assentados enquadrassem sua avaliação, nem tão pouco pode-se dizer que as categorias de classificação, que surgiram da execução de uma técnica de matriz classificatória, são categorias nativas puras.

Para tanto, foi feito um trabalho de identificação das formas de interpretação e classificação das pastagens presentes entre os assentados, pois o uso da homeopatia é definido a partir de um detalhado processo diagnóstico, em que as queixas mais comuns são analisadas. Neste momento, o trabalho diagnóstico foi desenvolvido com um grupo que compõe os chamados "coletivos". Numa investigação sistemática, como a que se pretendia a partir desse diagnóstico, seria um opção inadequada, trabalhar com os assentados "individuais" na medida que eles têm seus lotes separados, exploram suas terras com mão-de-obra familiar e apresentam uma distribuição espacial e organização social mais dispersa. Pela proximidade cultural dos coletivos com os individuais, optou-se por realizar a classificação a partir de um grupo dos coletivos que foram, assim, considerados representantes da percepção de todo o assentamento.

A matriz foi feita assim: a equipe da UFV disponibilizou a um grupo de quatro assentados um quadro vazio, com colunas verticais e horizontais, no qual, por debate, eles iriam escolher a melhor expressão que caracterizasse determinada condição de pastagem das diversas áreas de pasto do assentamento. Definida a característica, ela era escrita na primeira coluna. Na qual, iam sendo colocadas as demais, umas sobre as outras. Ocupando as colunas subseqüentes, foram listados, na primeira linha, os nomes das áreas de pasto que seriam analisadas quanto aquelas características. De forma lúdica, as discussões começaram na escolha das características e continuaram até completar o quadro. Na análise das áreas de pasto, alocaram-se pedras ou grãos em cada pequeno campo de cruzamento de colunas e

²⁴ Esses movimentos já acumulam experiências muito interessantes que, inclusive, devem ser objeto de maior análise no futuro. O movimento realiza seminários nacionais e publica anais nos quais são relatados resultados de pesquisas e experiências.

linhas. Depois de estabelecido o consenso no grupo, se a característica fosse forte, três pedrinhas eram postas nesses espaços, se a característica fosse mais fraca e ia-se graduando a pontuação. Pela matriz abaixo, a avaliação foi bastante completa e complexa, pois a conclusão sobre o melhor ou pior pasto, não se deu pelo somatório simples das características, pois algumas tinham sentido positivo e outras, negativo, ou seja, se negativo, quando mais presente, pior a pastagem.

A identificação de indicadores de qualidade ou de desqualificação das pastagens que constituíram a matriz foi, então, resultado de uma síntese problematizadora da percepção imediata dos assentados combinadas com as observações realizadas pela equipe da UFV. Esse levantamento não se deu com apenas um encontro, mas resultou de um longo trabalho com vários encontros.

De posse da matriz, chegou-se à conclusão que o pasto de nome Cangaia era o que se encontrava em pior condição. Localizava-se mais perto da Agrovila, o que facilitaria a aplicação de preparados diariamente. Já o chamado Quarenta e Um, era uma reserva de diversidade e espaço privilegiado onde deveriam estar preservadas a maior variedade de espécies e no qual se reproduziam as condições mais próximas ao antigo ambiente de mata da região do Rio Doce. Localizava-se muito distante da Agrovila.

Apresentou-se, então, aos assentados a proposta de reservar o pasto da Cangaia como área de pesquisa. Eram 300 hectares que não seriam utilizados por um ano. Depois de uma reunião na Cooperativa do assentamento, foi deliberado que a área seria destinada a pesquisas de recuperação e homeopatia.

Em visitas ao assentamento, levando em consideração as disputas internas entre coletivos e individuais, foi acertado que, em razão da impossibilidade de os individuais cederem áreas ou pessoal para as experiências com homeopatia nas pastagens, o trabalho de investigação seria realizado em área dos coletivos, mas o resultado do trabalho não teria propriedade exclusiva daquele grupo, pois a intenção era encontrar alternativa e solução de problema que tinha dimensão regional. Além disso, quando da realização de cursos, encontros ou quaisquer outras atividades de capacitação, os assentados individuais seriam envolvidos. Quaisquer que fossem os resultados, eles seriam divulgados a todos. Esse é um exemplo de como a construção de consensos é condição *sine qua non* no desenvolvimento de formas interativas de produção de conhecimento em situações históricas pós-tradicionais. O discernimento das condições sociais nas quais o processo ocorre é também necessário pois influem no desenrolar do planejamento de uma pesquisa, que se propõe partilhada desde sua concepção.

Na condução da experiência, foram definidos dois assentados para aplicação de cinco preparados, cuja tintura mãe é fornecida pela UFV. Assim, desde maio de 2002, estão sendo aplicados cinco preparados em cinco microespaços (áreas de cipó preto, de vossorooca, de salinização, de mina, de aroeiras) e um placebo, em área sem especificidade. Visando controlar sugestão nas observações dos aplicadores, a equipe da Universidade definiu como estratégia que, o nome dos preparados a serem aplicados não seriam identificados para os assentados que manipulam a tintura mãe e elaboram as diluições e dinamizações. No entanto, depois de algum tempo, um dos aplicadores apresentou o que na homeopatia é identificado como uma patogenesia (sintomas do preparado). Depois de explica-lo que era somente sintoma do preparado, foi orientado que ele se afastasse das aplicações, o que foi feito por um tempo. Como se sabia e esperava, de acordo com a ciência homeopática, a ação primária (sintoma artificial) desapareceu.

Nota-se que, apenas nesse momento do uso dos preparados e por razões técnicas, próprias da pesquisa de natureza experimental, não ocorreu o partilhamento total com a divulgação dos nomes dos preparados. Mas essa estratégia de pesquisa foi explicada aos parceiros e foi aceita. Essa medida de pesquisa tem o nome de “duplo cego”. No entanto, com o desenrolar do processo, o aplicador que

permaneceu com as aplicações, já arrisca dizer de qual preparado se trata sabendo do princípio de similitude e em razão de sua observação da área escolhida, principalmente, quando as áreas apresentam uma

Quadro: Matriz classificatória das condições de pastagem no 1º de Junho.

Características construídas com os assentados	Áreas de pasto													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Variedade de plantas
Topografia (baixa e pouco morro)
Disponibilidade de água
Presença de erva tóxica		
Presença de árvores	
Degradação (erosão)			

* Cada número representa uma área com seu respectivo nome: Zé Paulo, Encrenca, Baixa da Sede, Taboa, Aroeira, Braquiária, Caixa d'água, CANGAIA(8), Serafinzão, Pé da Serra, Coqueiro, Torre, Casa Velha, Quarenta e Um (14).

característica muito explícita. Mas o aplicador vem tentando ser o mais imparcial possível, alimentando uma dúvida metódica de fazer inveja a Descartes ao dizer: "Não sei se foi a homeopatia ou se era assim mesmo que ia acontecer. Vou continuar a observar."

Esses procedimentos de pesquisa sistemática são, na realidade, uma adaptação ao chamado experimento clássico hahnemaniano em homeopatia que é a "experiência em um corpo são". A orientação nessa adaptação vem de Campbell e Stanley (1979) que propuseram um delineamento quase experimental em pesquisas nas quais não há total controle; e, assim, sugerem algumas estratégias que evitam vieses nas hipóteses e conclusões.

Além da aplicação, o assentado pesquisador encarrega-se de anotar todas as observações sobre possíveis alterações nesses microambientes. Nas visitas da equipe da UFV, são obtidos depoimentos dos envolvidos com a pesquisa, os quais são transcritos. As interpretações têm se misturado às observações pontuais. Alguns fenômenos e alterações têm deixado o grupo (assentados e equipe da UFV) entusiasmado com, por exemplo, o amarelamento das folhas do cipó na área da homeopatia e sua conseqüente queda; com o aumento de um formigueiro "em mais de 90%" cujas formigas dirigiram-se ao corte do cipó, e outras observações curiosas.

Como o trabalho ainda não está concluído e apenas iniciado, as observações vêm sendo feitas e registradas com vistas a interpretações partilhadas e discussões com o grupo. Parece que a lógica causal tem orientado as observações. A equipe tem a intenção de problematizar essa lógica e discutir a proposição de que, entender a homeopatia, implica no olhar mais holístico e não determinista. Esse é o desafio do momento: como fazer esse debate.

Como os resultados não são imediatos, acredita-se que apenas no ano de 2003 alguma coisa poderia ser dita com mais segurança. Para os assentados, muito já se sabe e propõem o uso dos preparados em todo o assentamento. A equipe da UFV debate a prudência, mas tudo indica bons presságios.

O que mais interessa, nesse momento, é destacar que o partilhamento do processo de conhecimento requer tantas considerações, de ordens das mais distintas, que o torna uma estratégia de saber e de vida social que une saberes que o mundo científico dividiu. Não é possível fazer qualquer pesquisa que promova a interação do campo científico com o "popular", sem a presença multidisciplinar na equipe de

pesquisadores. Além disso, só se envolvem em processos como esses pessoas que tenham disposição de autocrítica e certa autonomia institucional que dê suporte ao processo. Esse suporte não é tão grande quando seus efeitos sobre os grupos sociais excluídos, que hoje demandam saberes e orientações da vida prática para encaminhamento de solução aos problemas resultantes do processo de modernização acelerado e vivido pela sociedade brasileira, tanto na cidade como no campo.

Bibliografia citada

- I SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE HOMEOPATIA NA AGROPECUÁRIA ORGÂNICA. (1999) ANAIS... Viçosa, Imprensa UFV.
- AZEVEDO, Rodrigo Aleixo Brito de (2001). **Indicadores agrônômicos em unidades de produção de agricultura familiar**. Viçosa, UFV. (Tese de Doutorado).
- BOURDIEU, Pierre. (1992) **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva.
- CAMPBELL, D. T. e STANLEY, J. C. (1979) **Delineamentos experimentais e quase experimentais de pesquisa**. São Paulo: Edusp.
- CASALI, Vicente Wagner Dias. (2000) **A ciência da homeopatia**. Viçosa, UFV. (Anexo do processo de defesa da UFV diante da representação movida pela Associação Médica Homeopática de Minas Gerais contra a UFV.)
- COELHO, France Maria Gontijo. (1999) **A construção das profissões agrárias**. Brasília, UnB. (Tese Doutorado)
- CARSON, Raquel. (1964) **Primavera silenciosa**. São Paulo: Melhoramentos.
- FAVERO, Caludenir. (1997) **Histórico de ocupação, meio físico e inter-relações socio-econômicas da micro-região de Governador Valadres, Vale do Rio Doce - Minas Gerais**. Viçosa. (mimeo)
- GIDDENS, A. (1992) **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp.
- _____. (2000) **Conversas com Antony Giddens: o sentido da modernidade**. Rio de Janeiro: FGV.
- HABERMAS, Jürgen. (1988) **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa, Edições 70.
- LUZ, Madel. (1996) **A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil**. São Paulo: Dynamis.
- MARCUSE, R. (1967) **A ideologia da sociedade industrial**. Rio: Zahar.
- MARX, K. (1968) O fetichismo da mercadoria: seu segredo. IN: _____. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Livro I, v.1. p.79-93.
- PARSONS, Talcott. (1977) **Social system and the evolution of action theory**. New York, Macmillan.
- RICOEUR, P. (1991) **O si mesmo como um outro**. Campinas: Papirus.
- VITHOULKAS, George. (1981) **Homeopatia: ciência e cura**. São Paulo: Cultrix.